V1	V2	V3	V4

Para responder às questões de **01** a **05**, leia o soneto "XLVII" do poeta Cláudio Manuel da Costa (1729-1789).

Que inflexível se mostra, que constante
Se vê este penhasco! já ferido
Do proceloso[1] vento, e já batido
Do mar, que nele quebra a cada instante!

Não vi, nem hei de ver mais semelhante
Retrato dessa ingrata, a que o gemido
Jamais pode fazer que, enternecido,
Seu peito atenda às queixas de um amante.

Tal és, ingrata Nise; a rebeldia
Que vês nesse penhasco, essa dureza,
Há de ceder aos golpes algum dia:

Mas que diversa é tua natureza!
Dos contínuos excessos da porfia[2],
Recobras novo estímulo à fereza[3].

(Domício Proença Filho (org.). *A poesia dos inconfidentes*, 2002.)

[1] proceloso: tempestuoso.
[2] porfia: obstinação.
[3] fereza: dureza.

Depreende-se da terceira e da quarta estrofes do soneto que o penhasco retratado

(A) resistirá indefinidamente aos “golpes” do vento e do mar, ou seja, a agentes endógenos modeladores do relevo.

(B) acabará por se mostrar suscetível aos “golpes” do vento e do mar, ou seja, a agentes antrópicos modeladores do relevo.

(C) acabará por se mostrar suscetível aos “golpes” do vento e do mar, ou seja, a agentes endógenos modeladores do relevo.

(D) acabará por se mostrar suscetível aos “golpes” do vento e do mar, ou seja, a agentes exógenos modeladores do relevo.

(E) resistirá indefinidamente aos “golpes” do vento e do mar, ou seja, a agentes exógenos modeladores do relevo.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA: D

O eu poemático alerta que a rusticidade do penhasco “há de ceder um dia” por mais “porfia”, obstinação que pareça apresentar, sugerindo que a tenacidade, a conduta incansável do vento e do mar (similares à ação irredutível do eu lírico para dela se aproximar) afetarão o penhasco (rejeição de Nise), sendo um agente exógeno à inflexibilidade da amada.